

**Rocca di Papa, 15 de junho de 2019**

**“Gerar a paz”**

**1. Abertura e saudações**

**2. Em conexão com os EUA - Mariápolis Luminosa (Nova Iorque)**

**3. Chiara Lubich: Gerar a paz**

Do discurso de Chiara Lubich à VII Assembleia da Conferência Mundial das Religiões pela Paz – Amã (Jordânia), 29 de novembro de 1999

**4. Líbano – o país mosaico**

Potencialmente, tem todas as condições para ser um modelo de convivência social e religiosa para todo o mundo, mas a longa crise econômica e política põe em risco esse equilíbrio. Há cinquenta anos os Focolares estão dando a própria contribuição.

**5. Líbano - IRAP: uma escola como casa**

Começou como uma escola para surdos-mudos, mas o IRAP é muito mais: entre as suas paredes, todos encontram um lar e, ao longo dos anos, surgiram oficinas de doces e de artesanato que geraram emprego e espaços de convivência. Uma história que diz que a integração não é uma exceção, mas a vida diária e o destino do povo libanês.

**6. Viagem à Síria - Damasco**

Uma reportagem de viagem com Egilde Verì, que retorna à Síria após 14 anos e um terrível conflito. Vamos entrar com ela em Damasco para encontrar e ouvir a comunidade dos Focolares que vive ali.

**7. Viagem à Síria - Homs**

Viajando de Damasco para Aleppo, passando por Homs. Vejamos com os nossos próprios olhos o que está acontecendo: a reconstrução, a tenacidade do povo para voltar à normalidade em um país onde a guerra ainda não terminou e os escombros obstruem estradas e vidas. A presença e o trabalho do Movimento dos Focolares, através de alguns projetos da AMU e da AFN.

**8. Viagem à Síria - (Alepo)**

No mercado de Aleppo, vamos ouvir as palavras de Jalal: a guerra é destruição e perda, é verdade; mas, entrando no Focolare, descobrimos uma casa e uma comunidade, um lugar de conforto, esperança e alegria onde todos se ajudam mutuamente a adquirirem novo vigor e recomeçar.

**9. Dialogando com Maria Voce (Emmaus)**

**10. Conclusão**

**COLLEGAMENTO CH**  
Rocca di Papa, 15/06/2019  
**GERAR A PAZ**

**1. ABERTURA E SAUDAÇÕES:**

*(canção e aplausos)*

**Jean Paul Najm:** Sejam todos bem-vindos a este Collegamento! *(repete em árabe)*. Uma saudação a todos aqui na sala e a todos os que nos acompanham no mundo inteiro! Olá, Stefania!

**Stefania Tanesini:** Olá, Jean Paul! Essas imagens que vimos se referem à viagem que Emmaus e Jesús acabaram de fazer ao Líbano e à Síria. Vocês podem encontrar as notícias dessa viagem no site [www.focolare.org](http://www.focolare.org). Este Collegamento é dedicado especialmente a esses países, às histórias das pessoas dessas comunidades.

**2. Conexão ao vivo dos USA – Nova Iorque, Mariápolis Luminosa**

**Jean Paul:** Mas antes de iniciar a nossa viagem ao Oriente Médio, vamos para Nova Iorque, à Mariápolis Luminosa...

*(música) (Vídeo, 15" )*

Vamos falar com Cristina. Olá!

*(em inglês, depois em italiano)* O que vocês fizeram durante esta semana?

**Cristina** *(em inglês)*

**Jean-Paul:** *(em inglês, depois em italiano)* Eu traduzo. Nesta semana vocês se dedicaram ao âmbito da Economia e do Trabalho, com workshops e mesas redondas. Alguns empresários da Economia de Comunhão ofereceram novas perspectivas que colocam a pessoa no centro de tudo o que fazemos. Fizeram também um painel na cidade de Nova Iorque sobre mudanças climáticas. O convite é começarmos nós, na nossa vida diária, para conseguir influenciar também os líderes políticos.

*(em italiano, depois em inglês)* Sei que hoje é o último dia deste evento, quais são os planos futuros?

**Cristina** *(em inglês)*

**Jean-Paul:** *(em inglês, depois em italiano)* Entendi que agora queremos começar um novo caminho para a paz, focando os direitos humanos, a justiça, uma cultura de legalidade... A formação e as ações concretas caminham juntos. Também estou transmitindo as saudações de vocês às comunidades da Síria e do Líbano, que nos acompanham. Obrigado, Cristina. Estamos com vocês!

*(saúda em inglês e respondem dos EUA - aplausos)*

Mas, Stefania, eu sei que você é jornalista...não sei mais nada...

**Stefania:** É verdade, nem mesmo nos apresentamos! Há um ano trabalho no Departamento de Comunicação dos Focolares e também faço parte da redação do Collegamento. E, você, Jean Paul, é engenheiro...

**Jean Paul:** Eu sou Jean Paul, tenho 27 anos, sou gen, venho do Líbano e agora estou em Roma para fazer um mestrado e já encontrei um emprego. Estou muito feliz por estar aqui neste Collegamento especial que também vai falar da minha terra! *(aplausos, enquanto Jean Paul acena com a bandeira libanesa)*

**Stefania:** A Terra dos cedros. Uma terra realmente bela. Voltei há pouco dali, e posso testemunhar isso.

**3. CHIARA LUBICH: “GERAR A PAZ”**

**Stefania:** Sim, eu voltei recentemente do Líbano e é uma terra linda, a Terra dos cedros!

Mas vamos começar com Chiara, que nos fala da paz. Estamos em 1999: o mundo, como hoje, lutava para encontrar caminhos de paz.

Naquele ano, os países balcânicos tentavam sair de uma guerra terrível, que durou vinte anos. Chiara estava em Amã, na Jordânia, na Conferência Mundial das Religiões pela Paz.

**CHIARA LUBICH:** [...] Outro passo da arte de amar – e que talvez seja o mais exigente de todos – coloca à prova a autenticidade do amor, a sua pureza, e por isso mesmo a sua real capacidade de gerar a paz. A arte de amar consiste em ser o primeiro a amar, sem esperar que o outro dê o primeiro passo. Devemos ser os primeiros a nos mover, a tomar a iniciativa.

Este modo de amar nos expõe em primeira pessoa, mas, se quisermos amar como Deus ama e desenvolver esta capacidade de amor que Deus colocou nos nossos corações, devemos fazer como ele, que não esperou ser amado por nós, mas nos demonstrou sempre e de mil maneiras que ele nos ama primeiro, qualquer que seja a nossa resposta. [...]

Na verdade, para quem quer que se disponha hoje a remover as montanhas do ódio e da violência, a tarefa é pesada. Mas – isso é importante – o que é impossível a milhões de homens isolados e divididos, parece ser possível a quem fez do amor mútuo, da compreensão recíproca, da unidade o motor essencial da própria vida.

E tudo isso tem um porquê, uma chave secreta e um nome. Quando estabelecemos um diálogo entre nós, pessoas das mais variadas religiões, quando nos abrimos um ao outro num diálogo baseado na benevolência humana, na estima recíproca, no respeito, nos abrimos também a Deus e "fazemos com que – são palavras de João Paulo II – Deus esteja presente no nosso meio".<sup>1</sup>

Eis o grande fruto do nosso amor recíproco e a força secreta que dá vigor e sucesso aos nossos esforços pela paz. [...]

Esse amor recíproco, essa unidade, que dá tanta alegria a quem a põe em prática, exige empenho, treinamento diário, sacrifício.

E aqui, em toda a sua luminosidade e dramaticidade, surge para nós cristãos uma palavra que o mundo não quer ouvir pronunciar, por ser tida como insensatez, absurdo, contrassenso. Esta palavra é cruz. No mundo nada se faz de bom, de útil, de fecundo sem conhecer, sem saber aceitar o esforço, o sofrimento, em uma palavra, sem a cruz.

Não é uma brincadeira comprometer-se a levar a paz! É preciso coragem, é preciso saber sofrer.

[...] Existe um último ponto sobre o qual gostaria de falar e que ensina como colocar em prática o verdadeiro amor pelos outros.

É uma fórmula simples, composta de duas únicas palavras: "fazer-se um".

"Fazer-se um" com os outros significa assumir os seus pesos, as suas preocupações, os seus sofrimentos e as suas alegrias. [...]

Mas este "viver o outro" engloba todos os aspectos da vida e é a máxima expressão do amor, porque, vivendo assim estamos mortos a nós mesmos, ao nosso eu e a todo apego; podemos realizar o "nada de nós", ao qual aspiram as grandes espiritualidades e o "vazio por amor" que se realiza no ato de acolher o outro; damos espaço ao outro, que assim encontrará sempre um lugar no nosso coração. Significa também "*colocar-se diante de todos na posição de aprender, porque temos que aprender realmente*".

Tudo isso, é lógico, não é apenas gentileza, compreensão, não é uma técnica de "relações humanas", uma tática para obter consensos, para vender as próprias ideias. O amor tem um único objetivo: doar-se totalmente e sem interesse algum.<sup>2</sup>

[...]

---

1 JOÃO PAULO II a Madras, *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio*, Libreria Editrice Vaticana, p. 385.

2 <sup>▣</sup> Do discurso de Chiara Lubich em Amã (Jordânia), em 29 de novembro de 1999, à VII Assembleia da Conferência Mundial das Religiões pela Paz: "Uma espiritualidade para uma convivência fraterna".

**Stefania:** “Não é brincadeira comprometer-se a levar a paz! É preciso coragem, é preciso saber sofrer”. Essas palavras de Chiara nos confirmaram o significado profundo daquilo que experimentamos nos dias que passamos no Líbano e na Síria para preparar esse Collegamento.

No final de maio, viajamos para o Líbano. Éramos: Kim Rowley, que está na direção do Collegamento, e Lorenzo Giovanetti, o camera man. Na Síria estavam conosco Egilde Verì, uma jornalista, e Marco Tursi, um produtor de filmes. Olá Egilde, olá Marco! (aplausos)

Acho que posso falar em nome de todos que jamais esqueceremos a força, a tenacidade, diria a capacidade de essas pessoas continuarem a viver, a lutar, para construir um futuro, apesar do que passaram. Neste mapa vocês podem ver as etapas da nossa viagem: chegamos a Beirute, no Líbano, de lá fomos para Damasco, depois para Homs e para Alepo.

Esta viagem não teria sido possível sem a ajuda e a colaboração das nossas comunidades locais que construíram este Collegamento conosco. Com eles, escolhemos dar voz, no Líbano, aos muitos que levam um espírito de unidade num contexto muito instável e àqueles que vivem na Síria e que viveram oito anos de guerra com coragem e esperança. Muitos deles, como veremos, estão reconstruindo casas e o tecido social, restaurando a dignidade das pessoas mais vulneráveis, como crianças e doentes, e conseguindo trabalho para os muitos desempregados, graças também aos projetos da AMU (Ação por um Mundo Unido) e da AFN (Ação por Famílias Novas) que trabalham ali há vários anos.

#### 4. LÍBANO – O PAÍS MOSAICO

**Stefania:** Vamos iniciar a nossa viagem e conhecer a “Terra dos Cedros”. Jean Paul, vamos começar!

*(música e ambiente)*

Da pureza da neve das nossas montanhas

Do incenso dos nossos cedros eternos

Nasceu um espírito de paz incomparável.

A guerra não é fruto da minha vontade.

A minha vontade é o amor.

A minha vontade é a paz.

**Voz em off fem.** (em italiano): São versos de Naji Karam, arqueólogo libanês, e expressam a essência mais profunda da "Terra dos cedros". Estamos nas ruínas de Jubayl, a antiga Biblos; cidade habitada continuamente por mais de 7.000 anos.

**Naji Karam, arqueólogo** (em árabe): Dizem que o nome "Líbano" é devido ao branco, às montanhas brancas. O texto mais antigo onde aparece o nome "Líbano" tem cerca de 4000 anos e na Bíblia aparece exatamente 72 vezes. O povo libanês - na mitologia antiga, é claro - é um povo pacífico. A palavra "amor" existe desde a época dos fenícios. Isso é importante, porque permitiu que os libaneses dialogassem com todos.

**Voz em off** (em italiano): Este pequeno país é *singular* no Oriente Médio: liga 3 continentes e sua população é multiétnica, multirreligiosa e multicultural. (música)

**Jeanine Jalkh, jornalista, L'Orient Le Jour** (em francês): Na vida cotidiana, os libaneses convivem muito bem. O problema começa quando entra em jogo a política, que tenta explorar essas diferenças para defender os interesses pessoais dos diferentes líderes políticos. Infelizmente, vimos isso nos períodos de guerra.

**Voz em off** (em italiano): Uma guerra civil que devastou o país de 1975 a 1990, com atentados, ataques terroristas e massacres que deixaram mais de 150 mil mortos e quase um milhão de refugiados. Um longo rastro de sangue que afetou a todos, rompendo as relações entre as várias comunidades libanesas, especialmente entre muçulmanos e cristãos.

**Jeanine Jalkh, jornalista L'Orient Le Jour** (em francês) (na frente de Beit Beirute, a "Casa Amarela"): Aqui estamos na praça Sodeco, e há a linha divisória ou linha verde, que dividiu o país

em duas partes durante a guerra civil libanesa. A área cristã começou dali e do outro lado havia aquela predominantemente muçulmana. Ao lado desta linha, temos este edifício, o Museu Nacional de Beirute, que foi restaurado, porque quer ser um símbolo da memória da guerra civil. É um símbolo para o futuro e para as novas gerações que não conheceram a guerra.

**Voz em off** (*em italiano*): O povo libanês é jovem: 47% têm menos de 24 anos e a porcentagem de diplomados é alta, mas devido à grave crise econômica que afeta o país há anos, a metade é forçada a procurar trabalho no exterior, em países do Golfo ou no Ocidente.

**Jad Aoun, arquiteto** (*em libanês*): Tenho um problema comum a muitos jovens daqui: não consigo encontrar trabalho. Eu saí do Líbano e encontrei um emprego. Trabalhei, mas tive que voltar e agora estou procurando um novo emprego. Ainda tenho esperança de encontrá-lo aqui, no meu país, mas essa esperança está diminuindo.

**Youmna Bouzamel, estudante de Ciência Política** (*em libanês*): Eu trabalho com um ex-deputado que está lutando contra a corrupção. Eu estou ajudando-o e isso me dá esperança, porque vejo que há esperança. Há pessoas que estão trabalhando para combater a corrupção.

**Voz em off** (*em italiano*): Podemos dizer que o Líbano é um caldeirão: 18 confissões religiosas coexistem aqui e os encargos políticos são distribuídos igualmente entre os grupos étnicos, culturais e religiosos. Um equilíbrio cada vez mais difícil de ser mantido, se considerarmos também que metade dos mais de 6 milhões de habitantes são refugiados palestinos e sírios. O Líbano é o país com o maior número de imigrantes per capita do mundo. Apesar dos inúmeros esforços e do sangue derramado, o antigo preconceito do choque de matriz religiosa ainda não foi erradicado. Mas há aqueles que testemunham uma visão diferente, como o Dr. Ibrahim Chamseddine, um acadêmico e político moderado xiita.

**Ibrahim Chamseddine, fundador da Imam Shamsuddin Foundation for Dialogue** (*em árabe*): Não há conflito religioso entre muçulmanos como muçulmanos e cristãos como tais; absolutamente não existe. O medo se tornou uma indústria no Líbano. Porque os políticos são astutos e hipócritas. Eles usam qualquer meio para dividir as pessoas. Dizem aos cristãos: "Cuidado"; e aos muçulmanos: "Atenção". E se isso não for suficiente, eles dizem ao muçulmano: "Você é sunita, tenha cuidado!", E ao outro: "Você é xiita, atenção!". Como se costuma dizer: "divida e governe!". Quando diferentes pessoas da mesma pátria se protegem e cuidam umas das outras, então a única sociedade e Estado são construídos, e eles, naturalmente, voltam a ser libaneses.

**Dom Joseph Naffah, bispo maronita** (*em árabe*): Não nos esqueçamos de que o mundo se tornou uma pequena aldeia. Não existe mais um lugar cristão, muçulmano ou budista. Estamos interconectados, pelo menos quando viajamos ou pela Internet. É por isso que o mundo inteiro olha para o Líbano, porque é um laboratório que nos ensina muito e nos ajuda a construir um novo mundo. (música) Hoje nos encontramos no vale de Kannubin, no Vale dos Santos ou no Vale Sagrado. É o coração da nossa fé cristã. Quando houve perseguições entre os séculos 16 e 19, eles puderam se esconder nas grutas para manter sua fé, liberdade e dignidade.

Eu estou no Vicariato de Besharre e Zgorta. Infelizmente, durante a guerra, foi derramado sangue entre eles. Por essa razão, o Patriarca teve a ideia de nomear-me bispo para ambas as partes. **Sou feliz por ser um sinal de unidade no coração do nosso povo cristão maronita.**

**Voz em off:** E a unidade é, sem dúvida, a maior necessidade e desafio para este país onde os Focolares chegaram há 50 anos, também através de Aletta Salizzoni, uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich, e de Guido Brini. E com o calor e o espírito de família, que caracterizam o povo libanês, as primeiras comunidades nasceram logo. Daisy e Samir moram em Beirute. Eles têm três filhos e sete netos. Eles conheceram o Movimento no início dos anos setenta.

**Daisy Najm** (*em francês*): Nós seguíamos Chiara em tudo o que ela nos comunicava. Foi o Espírito Santo que nos impelia. "Yallah", "vão em frente!" Uma das escolhas mais fortes que fizemos em nossas vidas foi a mudança para os Estados Unidos. Era o ano de 1989. A guerra era muito forte aqui e não havia mais escolas, universidades ou empregos. Ficamos lá dois anos. Houve momentos

em que não víamos qual era a vontade de Deus. Foi realmente um momento muito forte. E então a grande escolha de retornar ao Líbano, quando começávamos a nos estabelecer lá. Nós sentimos que o Líbano precisava de nós.

**Samir Najm** (*em francês*): Vocês sabem, os libaneses nasceram na política. Ele é formado em política. Então somos todos políticos, de um lado, do outro. Quando Chiara nos pediu para entrar na política, tentamos ter políticos que conhecessem o Ideal (da unidade) e é por isso que, ao longo do tempo, tivemos 13 políticos, que hoje estão nos municípios, nos sindicatos e trabalham de outro modo. E agora há tantas pessoas envolvidas na política.

**Samir Najm** (*em francês*): A coisa mais linda no Líbano é a família.

**Daisy Najm** (*em francês*): Tudo é baseado na família. Esses são os pratos tradicionais libaneses. Na família está presente o amor, que deve estar em todo lugar. É a família, é a humanidade...

**Stefania**: Jean Paul, acho que você reconheceu várias pessoas nesse vídeo!

**Jean Paul**: Sim, eu sou o filho que não foi visto nas imagens. (Saudações à família)

**Stefania**: Certo, você estava na Itália quando fomos para lá. Você me disse que quer dar uma contribuição para o seu país, em que sentido?

**Jean Paul**: Estudei no Líbano e como eu disse, agora moro em Roma. Eu sou um dos muitos milhões de libaneses que vivem fora. Acho que somos mais aqueles que vivem fora do que aqueles que estão no Líbano. Eu quero e acredito que posso ajudar meu país, ainda não sei como. Eu estou descobrindo todos os dias; talvez daqui, ou de lá, eu não sei ainda ...

**Stefania**: Disseram-me que uma das palavras que resume o Líbano é "complexidade". Você pode explicar por quê?

**Jean Paul**: Podemos notar a complexidade no Líbano na diversidade de pessoas. Vamos começar com a composição do nosso povo: sem os cristãos o Líbano não existe, mas também sem muçulmanos o Líbano não existe. Cada um de nós tem muitos povos dentro de si, porque muitas civilizações passaram por nós ao longo da história. Nossa língua, libanesa, é um dialeto árabe que também inclui palavras em inglês e francês. Então a complexidade é riqueza, e isso também é bonito!

## 5. VÍDEO - IRAP: UMA ESCOLA COMO CASA

**Stefania**: Bem, vamos continuar a nossa viagem. Para onde vamos?

**Jean Paul**: Vamos para o norte de Beirute para conhecer o IRAP, uma escola para surdos-mudos, mas que é, principalmente, uma casa e uma família.

**Dalal** (*Língua dos sinais*)

Eu cheguei ao IRAP pequena.

Estudei e cresci aqui, como em uma família.

**Nicole Helou – IRAP** (*em francês*): Eu comecei no IRAP há quase 30 anos, por volta de 1986. Quando cheguei aqui, estava tendo a guerra; eu não sabia o que fazer. Sempre fui atraída pelo social, por fazer alguma coisa pelos outros; alguém me falou do IRAP. O que é que eu vim fazer numa casa para deficientes auditivos, se não sei falar a língua dos sinais? Mas uma amiga me disse: "faça um teste."

*IRAP* significa: Instituto de Reeducação Áudio-Fonética; é escola e casa ao mesmo tempo; uma escola para crianças e adolescentes deficientes auditivos, uma escola especializada, onde as crianças são acolhidas ainda pequenas. E depois da escola, tem a vida de família; porque quando Jeanine e Souad iniciaram essa obra, o objetivo deles era oferecer uma vida de família.

Com a guerra – uma longa guerra, que não acabava nunca, que terminava e depois continuava – havia muitas necessidades. Nós acolhemos muitos desabrigados e precisávamos fazer alguma coisa para nos sustentar. Não havia mais recursos. Então começamos a fazer doces e assim nasceu nossa

primeira confeitaria. Depois, o atelier de artesanato e macramê; se desenvolveu aos poucos. (...) Isso nos permite viver. Foi assim durante a guerra e ainda hoje é assim, muito mais hoje.

**Dalal:** *(língua dos sinais):* Eu sou responsável pela cozinha, e pela sua produção. Os nossos produtos são vendidos nos supermercados. Faço a supervisão geral e verifico a higiene, a qualidade e o acabamento do trabalho.

**Nicole Helou – IRAP:** Nós não perguntamos qual é a sua religião nem de onde vem nem quem é. É uma criança surda que chega aqui. Nós a recebemos, a acolhemos no nosso coração e lhe damos tudo o que podemos dar. Essa filosofia está presente em tudo no IRAP, ou seja, na equipe de profissionais, na equipe educativa, que é especialista em crianças com deficiência auditiva.

Agora vamos a Biakout, uma região da periferia de Beirute, onde estamos presentes desde os anos da guerra, nos anos 80. Os desabrigados e os refugiados do sul do Líbano vieram para essa nossa região. *(música)* Nós começamos, vendo as necessidades daquele momento. E depois começamos um trabalho para as mulheres – bordado e costura – e uma escolinha para as crianças que estavam na rua.

Assim como no IRAP, em Biakout também estão juntos cristãos e muçulmanos. Nos cursos, tem um momento de educação para a fé onde, através da vida cotidiana, procuramos identificar os valores em comum, desenvolver e formar as crianças para essa vida de partilha, de respeito pelo outro, de amor recíproco, de doação de si mesmo, de gratuidade.

**Stephania** *(em francês):* O que se faz no atelier?

**Josiane, assistente social, Biakout** *(em francês):* O atelier é de formação e de produção. Nós fizemos um estudo sociológico e descobrimos que muitas mulheres de outras cidades, pessoas desabrigadas, sabiam fazer trabalhos manuais; começamos a fazer sessões de bordado para quem queria aprender. Damos a elas trabalho para fazer em casa e vendemos através do IRAP. O principal objetivo é a promoção da mulher. Como estamos em um bairro misto, de muçulmanos e cristãos, desde o começo trabalhamos com todos. Nós damos muita, muita importância a essa vida comunitária, porque sabemos muito bem que quando nos tornamos amigos, quando trabalhamos juntos, quando conhecemos melhor o outro, não temos mais medo dele.

**Stefania:** Obrigada! Uma saudação a toda a comunidade do IRAP, que está nos acompanhando!

## 6. VIAGEM À SÍRIA - DAMASCO

**Stefania:** No dia 26 de maio, de Beirute fomos para Damasco. Assim que cruzamos a fronteira síria vimos, à direita, uma grande placa com um escrito em árabe e inglês: "Com amor e paz, seja bem-vindo à Síria". Parecia um paradoxo para mim, mas nos dias seguintes, entendi cada vez mais que precisava deixar de lado as ideias que tinha sobre a situação do país e abrir meu coração e mente. E me perguntei: que Síria iríamos encontrar?

*(música)*

**Egilde Veri** *(voz em off):* Eu já andei por aqui. Era 2005 e eu era simplesmente uma turista em férias. Em 2011 a guerra começou na Síria. Nos últimos anos, muitas vezes me perguntei o que havia acontecido com os rostos e lugares que eu havia fotografado. Agora estou de volta. Esta rua - me dizem - ficou fechada por um longo tempo. As pessoas lutavam e franco-atiradores atiravam em quem passava. Damasco está na minha frente... Eu olho para ela e tenho medo de descobrir o que sobrou do país que me encantou.

*(música)* Meu guia na Síria será Zena. Zena é uma focolarina libanesa e mora aqui há dois anos. É com ela que eu redescubro Damasco.

**Zena:** Este jogo é chamado de mesa dos dados *(música)*, você tem que fazer assim e jogá-los: cinco e dois. Joga! Cada casa aqui na Síria tem um deles.

*Música*

**Zena:** Aqui está o souk, o mercado de Damasco. O souk tem diferentes setores. Estamos agora no mercado de especiarias e depois há um setor só de tecidos e depois outro só de artigos para a casa. Aqui tem tudo o que você pode imaginar. Isto é algodão-doce. Veja como é branco. Decorado com pistache para dar um toque.

**Egilde:** Você come assim?

**Zena:** Assim.

*Música*

**Egilde:** A vida no mercado nunca parou. Durante a guerra, tudo fechava nos dias mais difíceis e reabria assim que a calma voltava. Eu não posso acreditar que apenas um ano atrás aqui se combatia...

**Zena:** Nesta área, especialmente no ano passado, caíram muitas, muitas bombas.

**Egilde:** Damasco estava entre as últimas cidades liberadas. E uma bomba também caiu perto do Focolare.

**Zena:** Veja aqui os azulejos diferentes. Eu tive que sair para trabalhar e ouvi um "bum". Não sabia o que era. Então ouvi os gritos dos feridos. Nós nos escondemos debaixo das escadas por 5 horas, até que alguém viesse nos buscar. Venha, vou mostrar onde fica o focolare. Veja onde estão os tijolos. Olhe aquela cobertura. Ali está o focolare.

**Egilde:** Muito perto

**Zena:** 100 metros... e aqui a bomba.

**Egilde:** Hoje à noite, a comunidade de Damasco comemora um aniversário e por um momento a guerra é esquecida. Zena me apresenta Hanan. A sua história me faz recordar de repente onde estou. Contar e escutar, às vezes torna a dor um pouco mais leve.

**Hanan:** Nós vivíamos em uma aldeia chamada Daraya. Antes de fugir, convivemos com os rebeldes por dois anos. Nós vimos pessoas morrendo nas ruas. É terrível ver alguém que você conhece, morto. Tínhamos uma casa muito grande, mas devido à guerra nós a perdemos. Também tínhamos lojas, mas também as perdemos. Eu perdi minhas memórias, perdi minha alegria.

**Egilde:** A família de Hanan foge para Damasco e encontra um lar neste subúrbio onde vivem milhares de pessoas refugiadas. É difícil no começo. Eles fugiram sem pegar nada e nos primeiros dias dormiam no chão. Depois de alguns meses, alguns jovens da comunidade entram em contato com ela. Eles vão encontrá-la e começam a ajudar sua família com uma pequena quantia.

**Hanan:** Eles me deram tudo, especialmente amor. Eu não o sentia mais desde que perdi tudo. Em um determinado momento, decidi levar o amor, que esses jovens me deram, para outras famílias.

**Egilde:-** Hanan hoje vai visitar uma dessas famílias e me leva com ela. Sua história se parece com a deles. As bombas reduziram a migalhas a casa e a loja deles. Hanan não é mais uma hóspede aqui. Ela é uma amiga, um ombro no qual se apoiar.

**Senhora:** Você fez muitas coisas lindas por nós. Um dia choveu muito e você veio até nós e nos trouxe um aquecedor. Como você fez para trazê-lo? É algo que me tocou muito porque, se eu tivesse pedido isso ao meu irmão para meus filhos, que sentiam frio, ele me teria dito que não podia sair. Você viveu o que eu vivi e sabe o que isso significa. É por isso que você deixou tudo e correu. Eu lhe agradeço de todo coração por isso. Foi um gesto muito lindo. Obrigado.

**Egilde:** Eu pensei em encontrar uma cidade vazia e silenciosa. Mas à noite, os bares de Damasco estão cheios de jovens. A vida está de volta. Ou talvez ela nunca tenha ido embora. Eu pergunto a Samer diante de uma cerveja.

**Samer:** No começo a guerra era uma coisa nova para nós. Certamente foi um choque. Depois percebemos que duraria muito tempo e, portanto, tínhamos que continuar a nossa vida. As coisas continuaram, nada parou. Alguns tinham que ir para a universidade outros tinham que trabalhar... Alguém pode achar que é preciso ser forte para sair com os amigos em uma situação semelhante. Na realidade, saímos para nos ver e nos fortalecermos.

## 7. VIAGEM À SÍRIA - HOMS



**Stefania:** De Damasco partimos para Homs, que fica cerca de três horas de carro. Talvez tenha sido a etapa mais forte da nossa viagem. Ali tivemos a oportunidade de entrar naquelas que “eram” as casas das pessoas, para saber como eles sobreviveram à guerra.

(AMBIENTE)

**Wael:** A guerra começou em Homs em 2011 e deixou uma grande destruição. Há bairros inteiros destruídos, como este: veja, os habitantes saíram daqui. Houve um período em que houve ataques terroristas, carros-bomba. Muitas pessoas morreram. Em todos esses bairros morava muita gente, era cheio de vida, de crianças brincando. Este era um grande supermercado. Aqui estava o hospital público, muito grande. Foi destruído. Eu trabalhei lá. Agora não tem mais nada. Levaram tudo. *(música)*

**Egilde Veri:** Wael nunca saiu de Homs. Aqui a guerra não só começou imediatamente, mas durou mais do que em qualquer outro lugar. E de mais da metade da cidade ficou só o esqueleto.

**Egilde:** Foi uma bomba?

**Wael:** Sim, aqui certamente caiu uma bomba. As pessoas vieram morar novamente neste prédio. Consertaram algumas coisas e voltaram a viver aqui, apesar de tudo. E isso mostra que a vida quer continuar. Atenção Zena, temo que ainda haja minas por aqui.

**Marco:** Onde?

**Wael:** Não sabemos. Esta casa pertence a essa pessoa. Eles querem voltar a morar aqui porque não têm outra escolha. Vão colocar cortinas de plástico porque não têm dinheiro para reconstruí-la.

**Egilde:** Era bonita...

**Wael:** Ele está dizendo que a casa era bonita. Com a presença de vocês, será ainda mais bonita. Vamos. Muito obrigado.

**Egilde:** Wael é fisioterapeuta. Seus pacientes agora são principalmente feridos de guerra. Um dia, no bairro onde Wael mora, chegou Sandra. Ela fugiu de um vilarejo próximo. Sandra e Wael se casaram justamente no período em que a guerra em Homs era mais cruel.

**Sandra:** No dia de nosso casamento havia muitos bombardeios em Homs e o hotel onde íamos dormir foi atingido por uma bomba. Quando chegamos, vimos o sangue. Nós não sabíamos o que aconteceria conosco. Eu encontrei a pessoa certa na hora errada. Depois, engravidei. Ficamos com medo, mas enquanto esperava o bebê, não senti medo porque ele estava no meu ventre e eu podia protegê-lo. O medo começou quando eu dei à luz. Por causa da minha filha, eu queria emigrar.

**Wael:** Onde está Paula? Mostra onde ela está. Esta é a equipe de Sandra na escola, no projeto em que trabalha.

**Egilde:** Como Paula, muitas crianças de Homs nasceram e cresceram durante a guerra. Muitas quase não frequentaram a escola e trazem os sinais do medo. Quando se tornou mãe, Sandra teve uma ideia:

**Sandra:** Olá.

**Professora e alunos:** Bem-vindos.

**Egilde:** Dar lições para elas depois da aula.

**Sandra:** É uma segunda série. A lição começou. Maraha fica com eles o dia todo. Terminou a aula?

**Menino:** Para nós, a escola termina na quarta-feira.

**Menina:** Para nós, não.

**Sandra:** Eles vêm de diferentes escolas. Algumas já fecharam, outras não. Agora nos despedimos.

**Alunos:** Tchau.

**Egilde:** Os alunos repassam a matéria que estudam na escola, têm aulas de inglês, recebem uma ajuda psicológica. E um fonoaudiólogo ajuda aqueles que, devido ao trauma, gaguejam ou têm problemas de dislexia.

**Sandra:** Neste bairro são na maioria sunitas, mas também há alauitas, cristãos e pessoas de todas as denominações. Eles interagem uns com os outros e se amam. Fico muito feliz quando aqui neste centro, conseguimos dar a essas crianças pelo menos um sorriso.

**Egilde:** As ruas que estou percorrendo foram durante muito tempo território do ISIS. Aqueles que viviam aqui foram expulsos pela milícia ou fugiram antes que chegassem. Eles me contam que os soldados do ISIS ocuparam suas casas, dormiram em suas camas, levaram tudo o que tinham. A casa de Samer é uma dessas.

**Samer:** Eu não gosto de entrar. Aqui ficava a cozinha, mas como podem ver, não há mais nada. Aqui havia a sala de estar. Aqui o quarto, o banheiro..., a cozinha..., outro quarto.

**VOCÊ PERTENCE A DEUS E DEUS É GRANDE. ABU ABDU, O REI DA MITRA. MAS DEUS É PODEROSO.**

**Samer:** Nós morávamos aqui. Nossa vida era muito bonita. De repente começou a guerra. Depois de um ano de guerra, fomos forçados a deixar esta casa. Voltamos depois de dois anos e meio. Eu me lembro quando cheguei aqui. Estava segurando as chaves para abrir a porta. Cheguei e vi que não havia necessidade das chaves porque não havia portas, nem janelas, nem móveis, nem lembranças. Foi um schok muito forte. Mas, ao mesmo tempo, corria para ver se havia alguma coisa no chão que me lembrasse do passado: uma foto, um objeto de quando eu era pequeno. Eu encontrei algumas coisas e, apesar de estarem queimadas, eu as levei comigo.

**Egilde:** Qual é a coisa mais importante que a guerra tirou de você?

**Samer:** Ela me tirou tudo. Mas quando voltei para casa e vi essa destruição, disse a mim mesmo: estamos vivos e podemos reconstruir. Em meio a essa destruição, sempre penso que haverá uma ressurreição. Foi um momento de crucificação, mas acredito que agora devemos experimentar a alegria da ressurreição.

**Egilde:** A poucos passos daqui, um dia Samer encontrou um homem. Sua casa estava menos danificada e ele gostaria de recuperá-la, mas não tinha dinheiro suficiente. Samer falou sobre um projeto da AMU, a associação que oferece apoio financeiro e braços prontos para trabalhar para aqueles que querem reconstruir. Vamos ver em que ponto está o trabalho com o responsável pelo projeto.

**Hidráulico:** Aqui vocês podem ver jovens que trabalham. Butros, Farid. Esses jovens começaram com um estágio de dois meses. Pouco a pouco eles melhoraram, adquiriram as habilidades e agora trabalham gratuitamente.

Este é um aquecedor de água. Aqui se coloca a água quente que também funciona com eletricidade. Fadi está instalando o misturador da pia da cozinha. Farid e Abud, enquanto isso, estão fixando o sanitário.

**Egilde:** Os rapazes aprendem uma profissão e, enquanto fazem isso, ajudam aqueles que tentam reconstruir.

**Hidráulico:** Temos oito aprendizes. Eles são quase todos estudantes universitários. Nós pensamos que se no futuro eles não encontrarem trabalho com seus estudos, poderão viver desta profissão.

**Jovem hidráulico:** Eu sou um estudante universitário. Estudo economia e comércio. É um trabalho voluntário. Gostei da ideia e quis ajudar as pessoas da associação.

**Stefania:** Acho que posso falar em nome de todos nós que estávamos ali: não esqueceremos facilmente essas pessoas, esses jovens que, como vocês viram, com o trabalho que fazem, testemunham uma vida que quer renascer, onde até mesmo instalar uma torneira tem um significado neste sentido.

## **8. VIAGEM À SÍRIA - ALEPO**

**Stefania:** Última etapa: de Homs a Aleppo. Vivemos ali uma tarde e uma noite de festa com muitos da comunidade, no focolare. Ouvimos as suas histórias.

*(MÚSICA E AMBIENTE)*

**Egilde:** Estou indo para Aleppo. O ônibus percorre uma estrada secundária. A guerra na Síria não acabou e na estrada principal ainda há conflitos: Fiz esta foto há 14 anos, do ponto mais alto de Aleppo. Assim que chegamos, pedi a Zena para me levar ali.

**Zena:** Esta é a parte histórica de Aleppo, a mais antiga, a mais bonita. (barulho de bomba) Você escutou o barulho da bomba? Esta fumaça que se vê é de uma bomba.

**Egilde:** Ali, aquela fumaça...

**Zena:** Sim

**Egilde:** os combates são naquela direção?

**Zena:** daquele lado... vem dali...

**Egilde:** não estamos longe

**Zena:** cerca de 20, 25 km daqui.

**Egilde:** Aqui na nossa frente está o souk, o mercado de Aleppo. Lembro dos arcos enormes, da multidão, dos negócios cheios de mercadorias.

**Jalal:** Bem... aqui inicia o mercado da cidade velha.

**Egilde:** Hoje voltei ali com Jalal. Ele tinha uma loja de tecidos no mercado.

**Jalal:** Eu fazia esse trajeto todos os dias. Passava por aqui todos os dias para ir à minha loja. Estamos caminhando pelo mercado mais importante de Aleppo e talvez o mais importante do mundo como valor histórico. Vendiam-se alimentos, roupas, ouro, decoração. Não eram somente as lojas mais importantes de Aleppo, mas também as mais caras... Esta era a minha loja. Uma das mais destruídas da cidade... Cada arco era uma loja. A nossa era uma dessas, mas agora está sob os escombros.

Olha isso, é um registro da contabilidade. Está escrito o tipo de tecido, o número dos rolos, o nome dos clientes, as contas, os preços, as pessoas que pagaram. Esta é a última data registrada antes do bombardeio.

A última vez que entrei no mercado foi em 2013. Levei comigo alguns tecidos, alguns registros e saímos daqui. Queríamos sair pela estrada principal, mas os rebeldes estavam do outro lado e começaram a disparar contra nós. Fugi e me escondi ali até que cessassem os disparos. Jamais esquecerei aquele momento, pois poderia não ter voltado para casa.

Como puderam destruir tudo isso? Meu Deus...

(nota para os tradutores: Jalal encontra um senhor no mercado)

**Jalal:** Minha loja ficava na região dos alfaiates. G. Você é de que família?

**Jalal:** Zerez. Entrei com eles e disse: "Meu Deus, como foi que este teto caiu?"

G: Foi uma explosão...

**Jalal:** Colocaram dinamite...

**Jalal:** Essa loja também. Que pena! G. aqui escavaram por baixo...

**Jalal:** Estão restaurando o mercado das mulheres. E quem vai reconstruir o nosso mercado? A ONU deveria vir... Estes são os cofres dos comerciantes. Abriram todos. Como conseguiram abrir?

(Lê uma inscrição) Feito em Aleppo.

Fico pensando nessa cidade, em como era e como se tornou. É muito doloroso... de chorar. É uma grande perda... irrecoverável. Fico pensando no quanto perdemos, no quanto perdi, toda Aleppo perdeu, toda Síria perdeu. Nessa guerra todos perderam. Não sei se alguém ganhou alguma coisa. Com certeza não.

Estamos entrando no focolare. Esta casa sempre nos acolhia. Era um refúgio para nós, uma fonte de alegria durante a guerra. Era uma luz para todos os membros do movimento.

**Egilde:** O focolare não saiu de Aleppo. Permaneceu ali até nos momentos mais difíceis da guerra. Oito longos anos.

**Fredy:** Os rebeldes estavam por perto. Uma vez chegaram até o jardim aí fora. Sim, tivemos medo, como todos os outros, nos escondemos no banheiro, mas agradecemos a Deus porque eles não ficaram muito tempo. Houve um momento em que a situação não melhorava, todo dia caía uma bomba e de manhã não se tem vontade de levantar. Mas lá dentro você diz: há pessoas que precisam da nossa força. E isso nos ajuda a dizer: não! Eu quero recomeçar, quero me sentir forte, porque isso também ajuda e fortalece outras pessoas.

**Um jovem:** Quando a guerra era mais intensa e as bombas muito fortes, tinham momentos em que nos sentíamos sufocados, trancados em casa com medo de que acontecesse algo. Íamos até o focolare, as crianças brincavam e nós conversávamos com os focolarinos. Este diálogo nos trazia novamente a paz. Quando nos faltava o ar, não tínhamos alternativa senão ir ao focolare.

**Egilde:** É possível curar as feridas de uma guerra? Não sei. Um dia as casas, as ruas e os mercados serão reconstruídos. As ruínas da alma talvez permaneçam. Vi as feridas dos sírios, mas também vi a força regeneradora que nasce quando estamos juntos.

## **9. DIALOGANDO COM MARIA VOCE (Emmaus):**

**Stefania:** Emmaus, ouvimos essas histórias, e na sua viagem você viu esses lugares, conheceu essas pessoas.

**Jean Paul:** Estou refletindo, após ter visto essas histórias, o grande sofrimento... mas as pessoas são fortes, até mesmo riem, cantam. E me lembrei que o nosso Movimento também nasceu durante uma guerra. Nasceu uma grande esperança para o mundo enquanto tudo desmoronava.

**Emmaus:** É assim. E agradeço por ter podido rever esses lugares, por ter podido rever aquelas pessoas que talvez estejam nos vendo, ouvindo e cumprimentá-los mais uma vez.

O que dizer? Sim, é assim, nos disse Chiara: não se faz nada de bom sem a cruz. E isso me parece evidente, não se faz nada de bom sem a cruz, mas isso significa que se amamos esta cruz, se conseguimos viver esta cruz no amor, com o amor, olhando um para o outro como irmãos, podemos fazer algo bom, muito bom. E o que eu tiro como lição por ter conhecido essas pessoas, esses lugares, por essa viagem à Síria é justamente essa visão de esperança, essa visão de vida que sempre vence. Todas essas crianças que brincavam entre os escombros, que continuavam a brincar, mesmo entre os escombros, mas estavam alegres, felizes, elas viviam.

Ou aquelas pessoas que começavam uma pequena loja em uma casa que não existia mais, em uma sala que não existia mais, que não tinha sequer a porta da frente, mas enquanto isso começavam a vender algo.

Eu dizia: aqui está a vida, aqui está a vida, aqui está a vida!

Então, o que eu tiro desta viagem é esta lição, que há uma ressurreição; passa-se da crucificação como um jovem disse, passa-se da crucificação, mas há uma ressurreição e a ressurreição é aquele algo bom que vem da cruz, existe algo mais que pode vir da cruz.

Tenho, portanto, muita esperança e também uma grande lição.

Cada um de nós se depara com dores, pequenas e grandes, em todo o mundo, não apenas na Síria, não apenas no Líbano, mas se fizermos de cada uma dessas dores uma oportunidade de crescer neste olhar de amor de um para com outro, poderá nascer o mundo novo, a nova sociedade, a nova vida que nasce da morte.

É isso que conservo.

**Jean-Paul:** Obrigado. (aplausos) Antes de concluir, sabendo que você esteve várias vezes no Líbano, eu gostaria de voltar para lá, queria lhe fazer perguntar final. Sabemos que o papa João Paulo II disse que o Líbano não é apenas um país, é uma mensagem. Que mensagem é o Líbano para o mundo?

**Emmaus:** É uma mensagem de unidade, é uma mensagem de que a unidade é possível além de toda diversidade. Esta é a mensagem. E isso ainda é assim porque vimos lá. Quando estávamos lá, descobrimos, talvez depois de estar com um grupo de pessoas com quem nos divertimos, em grande harmonia, em grande serenidade, em grande amor mútuo, descobrimos que um pertencia a uma comunidade, outro a outra, que alguém vinha de uma experiência positiva, outro de uma experiência negativa, um sofreu, outro sofreu menos, mas havia entre eles um relacionamento que os ligava fortemente. E nisso podemos ver a mensagem que o Líbano pode transmitir.

Depois, também a presença de uma Igreja forte, de uma Igreja antiga, de uma Igreja que sempre viveu neste país, que tem as suas raízes, que nenhuma adversidade pode destruir. E essa mensagem de uma possibilidade de continuar a viver nesta situação, um país que também se levantou de uma guerra, um país que está florescendo, um país que tem tantos potenciais para oferecer e dar até aos seus vizinhos, na Síria, que no momento ainda está sofrendo, eu vi essa possibilidade de dizer ao mundo: o ódio pode transformar irmãos em inimigos, mas o amor pode transformar inimigos em irmãos. E esta é a maior coisa que existe.

Então essa é a mensagem, e é possível porque nós fizemos isso, nós vimos isso. Eles dizem para o mundo: nós conseguimos, é possível. E é isso que o Líbano e todo o Oriente Médio podem dar como lição e como ajuda ao mundo inteiro para construir a unidade em todos os lugares, além de todas as dificuldades.

**Jean-Paul:** Obrigado. (aplausos)

**Stefania:** Obrigada, Emmaus! (aplausos)

## **10. Conclusão**

**Stefania:** Concluimos este Collegamento, mas gostaríamos de dar um aviso antes de nos despedirmos. Sabemos que alguns tiveram dificuldade em acompanhar a transmissão principalmente no início. Daqui a cerca de uma hora, no site do Collegamento, estará disponível o replay, então será possível vê-lo novamente. Vamos nos reencontrar no dia 28 de setembro, às 20 h (hora italiana). Saudações a todos! Obrigada!